

## Adenoide: uma personagem sociolinguística

Flavio Biasutti VALADARES<sup>1</sup>  
Hadriel Geovani da Silva THEODORO<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo trata da personagem Adenoide, do seriado de TV "Pé na Cova", em uma perspectiva sociolinguística variacionista, de linha laboviana. Objetiva mostrar as características da personagem sob o viés sociolinguístico, com abordagem do léxico utilizado em sua fala cotidiana. Apresenta a caracterização do programa, aspectos teórico-conceituais sobre sociolinguística variacionista e léxico. Utiliza como procedimento metodológico a seleção para análise de algumas das falas da personagem em 3 programas exibidos em 2014, nos dias 08, 15 e 22 de abril. Conclui que Adenoide representa a fala coloquial do brasileiro semiescolarizado, com criatividade lexical que marca a cultura do nosso povo.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Pragmática; Léxico.

**Abstract:** The article deals with the character Adenoid, who integrates the TV series "Pé na cova", in a sociolinguistic variationist perspective, of labovian line. Intended to show the characteristics of the character under the sociolinguistic bias, with approach of the lexicon used in everyday speech. It presents the characteristics of the program, theoretical and conceptual aspects of variationist sociolinguistics and lexicon. The selection analysis of some of the speeches of the character in three programs, shown on April 08, 15 and 22, 2014, is used as the methodological procedure. Adenoid represents the colloquial speech of the Brazilians with little schooling, with lexical creativity that marks the culture of our people.

**Keywords:** Sociolinguistics; Pragmatic; Lexicon.

### Introdução

Personagens criadas para programas de TV podem revelar alguns tipos reais, existentes em nossa sociedade e com características que podemos identificar em variados ambientes sociais. Neste artigo, propusemo-nos analisar as falas de uma personagem emblemática do programa de TV "Pé na Cova"<sup>3</sup>, exibido pela Rede Globo – Adenoide.

A personagem apresenta características típicas do lugar social de uma pessoa humilde e pobre, com baixa escolaridade e que, ainda assim, demonstra perspicácia discursiva tipicamente encontrada na população brasileira, ou seja, ainda que não tenha domínio do discurso letrado baseado em leitura e acesso aos bens culturais, Adenoide sabe

---

1 Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP; Pós-Doutorado em Letras/UPM-SP; Docente do IFSP/ Campus São Paulo. São Paulo/SP. Correio eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com

2 Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo/ESPM-SP; Graduado em Comunicação Social – Relações Públicas/USP. São Paulo/SP. Correio eletrônico: theodoro.geovani@yahoo.com.br

3 <http://gshow.globo.com/programas/pe-na-cova/>

utilizar a linguagem para se colocar no mundo.

Nessa perspectiva, nosso objetivo visa a caracterizar as falas da personagem com base na sociolinguística variacionista e no léxico. Para tanto, adotamos a análise das falas da personagem Adenoide em 3 episódios da série, exibidos em abril de 2014. Além disso, é importante ressaltarmos, a partir da noção proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006), que é possível os fatores sociais terem relevância sobre o sistema linguístico, sendo tarefa do linguista determinar o grau de correlação social que existe e mostrar seus reflexos sobre o sistema linguístico abstrato.

### **Caracterização do Programa “Pé na Cova”**

“Pé na Cova” é uma série de humor da televisão brasileira, produzida e veiculada pela Rede Globo. Escrita por Miguel Falabella, com direção de Cininha de Paula, seu episódio inicial foi ao ar no dia 24 de janeiro de 2013. A primeira e a segunda temporada foram exibidas nesse mesmo ano e contaram com 22 e 11 episódios, respectivamente; a terceira temporada teve 14 episódios e foi ao ar entre abril e julho de 2014, nas noites de terça-feira, no horário das 23 horas.

O enredo da história se passa no bairro de Irajá, na cidade do Rio de Janeiro, e ocorre em torno da excêntrica família Pereira. Gedivan (Miguel Falabela), conhecido por todos como Ruço, é o patriarca e administra a F.U.I. – Funerária Unidos do Irajá, que herdara de seu pai. Durante a primeira e a segunda temporada, ele é casado com Abigail (Lorena Comparato), uma jovem órfã, com quem tem um filho, Neyman. Contudo, Ruço ainda divide sua casa com a ex-mulher, Darlene (Marília Pêra), uma maquiadora de defuntos. Eles têm 2 filhos, Alessandro (Daniel Torres) e Odete Roitman (Luma Costa). Odete trabalha como *streaker* na internet e Alessandro se torna um vereador corrupto. Há ainda mais um integrante na casa dos Pereira, Babá, uma senhora que não fala muito além de algumas palavras. E, apesar de não terem uma condição socioeconômica elevada, a família conta com os serviços da empregada doméstica Adenoide (Sabrina Korgut), que vive em constante situação de miséria.

Na F.U.I., trabalha o motorista Juscelino (Alexandre Zacchia), também conhecido como *quasímodo* ou “*quasimo*”. Sua irmã, Luz

Divina (Eliana Rocha), trabalha esporadicamente na funerária, fazendo coro e chorando nos velórios. Ao lado da casa dos Pereira, há uma oficina mecânica na qual trabalham Cristiane (Mart'nália), conhecida como Tamanco, e seu irmão Marcão (Maurício Xavier), que, à noite, faz programas como *travesti*, a qual todos nomeiam de Markassa. Ao longo da história, Odete Roitman e Tamanco começam a se relacionar e acabam por adotar Sermancino (Gabriel Lima), que era um menino de rua.

Ao final da rua, encontramos o trailer de sanduíche das "Cachorras Quentes", administrado pelas irmãs Giussandra (Karina Marthin) e Soninja (Karin Hils), que são gêmeas não-idênticas, sendo Giussandra branca e Soninja negra. Outros dois personagens fazem parte da cena geral da série: Floriano e Dirceia. Floriano e Ruço aparentemente tiveram um caso no passado, o que não fica muito evidente, tampouco comprovado, sendo apenas algo sugerido. Dirceia trabalha como sua empregada doméstica. Ambos vigiam a vida de toda a vizinhança e costumam pregar a "moral e os bons costumes".

Todos estes personagens compõem um quadro humorístico acentuado pelas diferenças socioeconômicas, educacionais, culturais e de gênero que permeiam suas existências. Como aponta Viggiano (2014, p. 97):

Pé na cova (...) pode não ter a morte física como tema central, porém as mortes simbólicas estão ali discutidas, de uma maneira ou de outra: a exclusão social, o degredo, a ignorância, a falta de oportunidades, a fome, o alcoolismo, o preconceito e a miséria do corpo e da alma. Até mesmo o orgasmo, *la petit mort*. Seria demais fazer drama de tudo isso. (...) O telespectador é levado a ficar suspenso entre o riso e a perplexidade, entre a estranheza e a identificação. O que se apresenta ao mesmo tempo lhe diz respeito e não diz respeito a coisa alguma. (VIGGIANO, 2014, p. 97)

Em aditamento, Viggiano (2014) afirma que *Pé na Cova* se converte em um texto com poder provocativo por meio das visibilidades concedidas aos absurdos da vida cotidiana dos Pereira e de seu núcleo de relações pessoais. A indignação, o inconformismo e o questionamento de certas situações geram uma atmosfera na qual se legitima uma maneira diferente de existir e de viver, mas nem por isso indigna.

Por fim, no que concerne em relação ao gênero televisivo do programa, para Souza (2004), ele é realizado e produzido com o

intuito de se inserir na programação horizontalizada, principalmente no horário nobre. Os fatos insólitos que os personagens de "Pé na Cova" experienciam aparentam cumprir esse papel de destaque dentro da grade horária da Rede Globo, uma vez que se reverte em uma boa média de pontos no Ibope<sup>4</sup> e a consequente receptividade do público. O formato da série poderia assim "ser classificado também como 'capítulo', que pode alavancar a audiência cativa e também os telespectadores ocasionais". (SOUZA, 2004, p. 137)

### **A sociolinguística variacionista e o léxico: uma análise da criatividade nas falas da personagem Adenoide**

Entendemos a Sociolinguística, como indicam Chambers (1995), Monteiro (2000), Mattos e Silva (2002), Camacho (2003; 2013), Mollica (2003), Cezário e Votre (2008) e Gonçalves (2008), na perspectiva de uma evidência da heterogeneidade inerente à linguagem, ou seja, a variação é sistemática, regular e ordenada, além de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais.

Na visão de Lucchesi (2012, p. 794), "a concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico"; em outros termos, conforme Labov (1994), o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social.

Camacho (2013, p. 19) salienta que a Sociolinguística "incrementou, nas últimas três décadas, uma nova compreensão da natureza ao mesmo tempo variável e mutável da linguagem". E acrescenta: "Ativou também o reconhecimento do caráter regular e sistemático da heterogeneidade mediante um conjunto de estudos empíricos, de natureza quantitativa com foco na língua em uso no contexto social".

De outra maneira, Weinreich, Labov e Herzog (2006) salientam que

---

4 De acordo como o sítio *Telemaniacos*, a audiência média de *Pé na Cova*, marcada pelo Ibope, foi de 15, 16 e 14 pontos na primeira, segunda e terceira temporada, nessa ordem. Disponível em <http://www.telemaniacos.com.br/pe-na-cova-tabela-de-audiencia/> Acesso em setembro de 2009.

uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística, de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes” se aplicam. A evidência quantitativa para a co-variação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. A co-variação pode ser oposta à co-ocorrência estrita, ou a co-ocorrência pode ser concebida como o caso-limite da co-variação. Provas das relações de co-ocorrência estrita podem emergir, de fato, de uma investigação quantitativa do tipo que oferece provas de co-variação [...] o sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima co-variação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 107)

Nesse sentido, observamos que Adenoide, nossa personagem de análise, transita entre seu lugar de moradia – uma favela – e a casa de seu patrão, Ruço, em tese, pertencente à classe média. Disso decorre uma interação social que sugere trocas linguísticas que levam tanto ela quanto a família em que é empregada doméstica a utilizar termos e expressões de um grupo social e do outro grupo social, isto é, Adenoide traz de sua comunidade de fala palavras que ali no Irajá não são conhecidas, bem como aprende e leva para a sua comunidade termos do Irajá. Além disso, deixa clara sua condição de semiescolarizada ao utilizar uma norma mais distante da culta urbana.

Abaixo, a reprodução das falas da personagem e, na sequência, um quadro com as categorias de análise selecionadas:

Episódio selecionado 08/04/2014 – Falas de Adenoide

ADENOIDE: Bom dia, Seu Ruço.

RUÇO: Ô Adenoide, a Babá comeu ontem?

ADENOIDE: Comeu. Comeu quatro biscoitu qui eu vi. Mas alguém sempri dá alguma coisa pra ela, né Seu Ruço? Anteontem, a Odeti Roitman trouxe uma caixa de sal de fruta qui ela ganhô na promoção, daí eu dei um sal de fruta pra Babá. Ela tá alimentada, Seu Ruço.

...

ADENOIDE: Agora ela deu pra ficar gritandu "socorru, socorru" diretu.

...

RUÇO: Que foi issu nu teu braço?

ADENOIDE: U qui você quê sabê primeru: a mamadera ou u braço?

RUÇO: Ah, tantu faz...

ADENOIDE: Um cracudu, Seu Ruço. Um cracudu mi viu carregandu a sacola di mantimentu qui a Odeti Roitman mi deu i tentô mi roubá. Eli mi empurrô dentru da obra, Seu Ruço. Mas eu peguei um porreti i sentei na cabeça deli i fugi. Mas mesmu assim, oh, u cracudu conseguiu mi morder, seu Ruço.

RUÇO: O cracudu ti mordeu?

ADENOIDE: Parecia até um zumbi. Precisava vê. Achei até qui fossi alma.

RUÇO: U que foi issu aí? Eli ti acertô na barriga?

ADENOIDE: Não, é qui eu fui nu postu pra desinfetá a mordida, aí eu dissu pra mulé: "u cracudu me mordeu", i ela mi deu 5 injeção na barriga. Só não mi deram mais porque acabô u istoqui.

...

ALESSANDERSON: Pai, cê tá pegandu as cachorra?

ADENOIDE: Issu tá virandu um canil, Alessanderson.

...

RUÇO: Ô Adenoide, cadê a mamadera du Neiman?

ADENOIDE: Tá nu quartu du mininu.

RUÇO: Tu já deu a mamadera?

ADENOIDE: Não, mas tá lá.

...

ADENOIDE: Nem uma coisa, nem outra, Seu Ruço. A Abigail tá aí. Ela é qui tá dandu a mamadera.

...

ADENOIDE: Abigail, pega levi com Seu Ruço. Eli anda muintu tristi desdi qui a Dona Darleni foi internada.

ABIGAIL: Darlene foi internada? Eu não sabia.

ADENOIDE: É. Ela tava bem. O qui deu probrema foi u figu, né? Agora ela não podi mais bebê. Tá nu Dotô Zóltan. Não podi nem recebê visita.

...

ADENOIDE: Abri ala, genti. Abri ala, qui eu trouxe u mininu pra si dispidi

du pai.

...

ADENOIDE: Seu Ruçu. Seu Ruçu, u senhô tá mi ouvindo? Alguém pega a garrafa di gim, eu vô jogá uma talagada na boca deli, quem sabi eli não levanta.

...

ADENOIDE: Deputadu, eu sô du povu. Mi leva pra cumê co'Senhô.

...

ADENOIDE: Mas é purque eli botô u "me" nu meu: "vocês mi representa". Aí, tá vendu? Errei. Não possu botá nada nu meu qui eu erru.

...

ADENOIDE: Quem tá com êncrisi? Seu Ruçu? Ih, foram as cachorra! Vai tê qui tomá pinicilina.

...

ADENOIDE: Eu vô levá a Babá pá dá uma volta. Vem Babá.

...

ADENOIDE: Prontu. Seu Ruçu chegô. Vamu começá a sessão.

...

ADENOIDE: Seu Ruçu, possu assisti ao cinema? Eu nunca fui nu cinema.

TAMANCO: Nunca? Nunca viu "Meninus não choram"?

ADENOIDE: Não! Lá pertu di casa tem um cinema nu shoppin, mas elis não dexam eu entrá nu shoppin. Eu quis entrá, mas u sigurança dissu qui eu não sou consumidora.

RUÇO: I não é mesmu. U sigurança tem razão.

ADENOIDE: Mas eu quiria ir nu cinema, Seu Ruçu.

...

ODETE ROITMAN: Adenoide, traz pipoca.

ADENOIDE: Oh, peguei u restu que tinha lá na carrocinha. Tem mais piruá que pipoca, mas dá pru gastu, Odeti.

...

RUÇO: Eu vô até tomá um sal de fruta.

ADENOIDE: Ainda tem uma caxa cheia. É amostra grátis, mas funciona.

**Grupo 1 – erros conforme a norma culta**

ADENOIDE: Comeu. Comeu *quattru biscoitu* qui eu vi.

[...]

ADENOIDE: É. Ela tava bein. O qui deu *probrema* foi u *figu*, né? Agora ela não podi mais bebê. Tá nu Dotô Zóltan. Não podi nem recebê visita.

[...]

ADENOIDE: Quem tá cum êncrise? Seu Ruçu? Ih, forum *as cachorra!* Vai tê qui tomá *pinicilina*.

**Grupo 2 – usos tipicamente da oralidade coloquial**

ADENOIDE: Ela *tá* alimentada, Seu Ruçu.

[...]

ADENOIDE: *Tá nu quartu du mininu*.

A Abigail *tá aí*. Ela é qui *tá dandu a mamadera*.

[...]

ADENOIDE: *Deputadu*, eu *sô du povu*. *Mi leva pra cumê co'senhô*.

[...]

ADENOIDE: Mas é *purqui eli botô u "me" nu meu*: "*vocêis mi representa*". *Aí, tá vendu?* Errei. Não *possu botá nada nu meu* qui eu erru.

**Grupo 3 – palavras e/ou expressões neológicas**

ADENOIDE: Um *cracudu*, Seu Ruçu. Um *cracudu* mi viu carregandu a sacola di mantimentu qui a Odete Roitman mi deu i tentô mi roubá. Mas mesmu assim, oh, u *cracudu* conseguiu mi mordê, seu Ruçu.

[...]

ADENOIDE: Não, é qui eu fui nu postu pra desinfetá a murdida, aí eu dissí pra mulé: "*u cracudu me mordeu*", i ela mi deu 5 injeção na barriga. Só não mi deram mais *purque acabô u istoqui*.

QUADRO – EPISÓDIO 08.04.2014

No grupo 1, a seleção de palavras<sup>5</sup> que contrariam a norma culta da língua portuguesa ratifica sua condição de semiescolarizada, mas não a distancia de um uso comum ali naquele grupo social, nem em relação ao grupo maior de brasileiros, ainda que escolarizados.

<sup>5</sup> Optamos por uma transcrição aproximada e não pela transcrição fonética. Além disso, por exemplificar alguns dos casos, colocados em itálico no quadro; ainda que, no episódio, outros casos existam e possam, em outro momento, ser analisados.



Há omissão de “s” plural – “quatro biscoito” e “as cachorra” – troca de “l” por “r” – “probrema”, “êncrise” – e a concordância feita no determinante – “vocês mi representa” – fenômenos de variação muito comuns entre a população brasileira.

Para o grupo 2, o destaque refere-se à oralidade no Brasil, cada vez mais colocada pelos estudiosos como um uso distinto da escrita. Nos exemplos – em itálico (cf. quadro), constatamos que a personagem reproduz a fala de um brasileiro, com usos de processos de redução de palavras, de trocas do “e” pelo “i”/“o” pelo “u” em sílabas átonas, uso de pronome oblíquo átono em início de frase, redução de ditongo e acréscimo de vogal formando ditongo.

Quanto ao grupo 3, observamos a criatividade na linguagem de Adenoide, ao expressar fatos de seu cotidiano com o uso de termos “inventados” por ela, como “cracudu”. Nesse caso, “cracudo” é uma superlativização para a derivação do termo crack, designando a pessoa que utiliza a droga, mas sem o uso do sufixo inicialmente previsto *-eiro*, o que torna ainda mais criativa sua utilização, uma vez que o sufixo *-udo* remete a um grau acima pejorativo, representando sua intenção de exagerar para demonstrar a situação pela qual passava. Além disso, o fato de Seu Ruço já aderir ao uso demonstra a adesão ao sufixo como pertencente à estrutura do português.

Biderman (1996) explicita que o léxico é um dos mais afetados por influências externas, haja vista que, como o tesouro vocabular de uma língua, ele perpetua a herança cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social. Ela também afirma que o léxico pode ser entendido enquanto sistema aberto e em constante expansão. Ele não se cristaliza porque é algo vivo, em constante transformação. (BIDERMAN, 2001)

Para Dubois *et al* (1993, p. 364), o léxico na linguística designa

[...] o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc. Por essa razão, léxico entra em diversos sistemas de oposição, de acordo com o modo pelo qual é considerado o conceito.

Houaiss (2001, p. 1.750) traz, no verbete léxico, que se trata do “4 LING repertório total de palavras existentes numa determinada língua”. Silva (2000, p. 142) acentua que

o léxico constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal e qual palavra. (SILVA, 2000, p. 142)

Dessa maneira, os grupos 1, 2 e 3 também representam a possibilidade de ampliação do léxico que, conforme Biderman (1996, p. 27), “é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. Guerra e Andrade (2012, p. 230) afirmam que

[...] o léxico situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos, ou seja, da fonética e da fonologia; da semântica; da morfologia; da sintaxe e das situações comunicativas, ou seja, da pragmática.

Isso é o que constatamos nas exemplificações retiradas da personagem Adenoide.

Em relação à personagem Adenoide, é possível estabelecermos que o léxico utilizado por ela transita entre uma linguagem popular recheada de informalidades e de gírias e uma tentativa de hipercorreção quando ela resolve utilizar palavras “difíceis” ditas por seus padrões. Assim, o léxico é composto ao mesmo tempo por seu saber vocabular adquirido em seu grupo social, mas também, existe uma tentativa de ampliá-lo a partir da convivência com o grupo social do Irajá.

## **Conclusão**

Neste artigo, analisamos algumas das falas da personagem Adenoide com o objetivo de provar a construção de uma personagem de fala sociolinguística em perspectiva de ampliação lexical, ou seja, mostrar que a personagem Adenoide é uma figura representativa da cultura brasileira, ao ocupar um lugar de pessoa com baixa escolaridade, miserável, favelada, mas com uma inserção em um grupo social que propicia a ela a manifestação de “falares” que revelam sua condição sociolinguística e lexical.

Nesse ponto, vale destacarmos que Adenoide cumpre com o papel a ela proposto no seriado, ao representar a personagem que

não tem escolaridade, mas que sabe fazer o uso da linguagem naquele ambiente. Além disso, é importante denotarmos que a construção de sua linguagem trafega em uma seara bastante próxima da linguagem comum do brasileiro, talvez por isso tornando-a tão crível.

Por fim, nossa conclusão é a de que Adenoide representa o brasileiro que age sobre a própria linguagem sem possuir os parâmetros conceituais, mas que também representa nossa cultura criativa e não teme a inovação, ainda que possa vir a sofrer preconceitos sociolinguísticos.

## Referências

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Fundamentos da Lexicologia. In: **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99-155.

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (orgs.) **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

CAMACHO, R. G. **Da Linguística formal à Linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CEZARIO, M. M. e VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem Sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. 2008. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

GUERRA, M. M.; ANDRADE, K. de S. O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas. **Domínios da Linguagem**. v. 6, nº 1, 1º Semestre, 2012. p. 226-241.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41(2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior

do português brasileiro. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

SILVA, M. E. B. da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. de (Org.). **A língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

VIGGIANO, M. F. I. As micro-histórias e os regimes de (in)visibilidade dos anônimos em Pé na cova. **Revista Rumores**. n. 15, vol. 8, jan-jun.2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em: 08 de fev. de 2015.

Aceito em: 01 de out. de 2015.